

**SINCRETISMO DE LINGUAGEM
NO TEXTO DE LITERATURA INFANTIL**

*Neiva Panozzo**

RESUMO

Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa mais ampla sobre o sincretismo de linguagem e faz aqui uma aproximação semiótica a livros de literatura infantil para analisar a construção do tipo de texto considerado sincrético, aquele que combina mais de uma linguagem, no caso, a visualidade e as palavras. A leitura semiótica do texto sincrético pretende identificar como se instaura o significado a partir da combinação entre o sistema visual e o verbal, saber como essas linguagens se inter-relacionam e que efeitos de sentido são produzidos. Como característica marcante dos livros infantis, a imagem ancora o leitor iniciante e pode provocar um aprofundamento da leitura, ao considerar-se toda a complexidade ali manifesta. A seleção do corpus se deve à relevância que adquire esse tipo de texto na formação de leitores, uma vez que fazem parte do cotidiano infanto-juvenil e escolar.

Palavras-chave: leitura, sincretismo, literatura infantil.

ABSTRACT

This article is part of a wider research on the occurrence of language syncretism which approaches semiotically literature for children in order to analyse the construction of the type of text considered syncretic, combining more than a language, in the case, the images and words. The semiotic reading of the syncretic text intends to identify how the meaning is established, starting from the combination of the visual system and the verbal one, in order to understand how

* Professora da Universidade de Caxias do Sul/RS, pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas da PUC/SP - CPS e do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

those languages interrelates each other and which effects the meaning are produced in that way. As a strong characteristic of the literature for children, the image anchors the young beginner. In that way the reading can be deepened when considering all the complexity it manifests. The selection of the study's object is due to the relevance that this text type acquires in the readers' formation, for being part of the daily routine at school as well as of the youngs' daily life.

Keywords: reading, syncretism, literature for children.

1 MODOS DE PRESENÇA DE LINGUAGENS NA LITERATURA INFANTIL

Os livros de literatura infantil geralmente apresentam a reunião de palavras e ilustrações e sua leitura pode ir além de uma apreensão superficial da narrativa. O objeto livro precisa ser compreendido como uma unidade, como um texto complexo, tratando-se da ação conjunta dos sistemas de linguagens ali presentes, a verbal e a visual, em seu sincretismo, ou seja, no entrecruzamento de linguagens que instaura sentidos à narrativa. O estudo semiótico apresenta o processo de constituição de significados que se inscreve no texto de literatura infantil como um todo, através do entrelaçamento de diferentes dimensões do discurso verbal, como personagens, gestos, cenários e tempo; dos elementos formais da visualidade, como cromatismo, contraste, ponto de vista, linhas; dos procedimentos de criação e do material utilizado na sua produção, entre outros analisáveis.

As imagens configuram-se como textos e participam de uma intrincada rede de relações e de possibilidades para qualificar a compreensão da constituição do percurso de significação. Dentre tantos elementos culturais disponíveis para leitura, os livros infantis ilustrados veiculam experiências de prazer, capturam o olhar, ao mesmo tempo vão construindo identidades e papéis, provocando o diálogo entre sujeitos e texto. Esses aspectos sustentam a proposta de investigação para o desenvolvimento de competências de leitura de textos sincreticos.

A visualidade e a palavra organizam a complexidade textual do livro infantil, manifestando um enunciado discursivo que caracteriza as chamadas *semióticas sincreticas* (Greimas e Courtés, 1991, p. 233). Essas abordam seus objetos de análise como um todo de significação. O sentido do texto é construído pelas diferentes linguagens abrigadas e imbricadas no mesmo suporte. As articulações que intercorrem nesses sistemas semióticos são responsáveis pelo sentido constituído nos textos ilustrados para crianças.

A inserção da leitura da imagem nas práticas pedagógicas, a partir dos

anos 80 no Brasil, trouxe uma utilização quase exclusiva de reproduções de obras de arte. Outras manifestações culturais também podem ser lidas, produtos contemporâneos que integram a cultura visual, mediando significados. Uma aproximação semiótica aos objetos visuais implica identificar e compreender o engendramento da significação, através da utilização de diferentes sistemas de linguagem, criando influências mútuas, imbricamentos e abrangência nessas relações que se reúnem "a um sujeito semiótico competente, que por sua vez opera, pensa e constrói dinamicamente o sentido, que longe de ser recebido ou percebido, é pensado como fruto de um ato semiótico gerador, que o constrói" (Landowski, 1992, p. 167). É esse ato que se impõe para investigação.

O universo imagético constitui-se em importante sistema semi-simbólico através do qual são produzidos significados. Segundo Floch (2001, p. 9), o plano da expressão "possui uma linguagem para se manifestar, onde as qualidades sensíveis são selecionadas e articuladas entre si por variações diferenciais [...] e o plano do conteúdo [é aquele] onde a significação nasce das variações diferenciais graças às quais cada cultura, para pensar o mundo, ordena e encadeia idéias e discurso". O plano da expressão equivale ao *significante* que mantém uma relação solidária, de reciprocidade com o plano do conteúdo, o *significado*. Tal relação é chamada semi-simbólica e corresponde à semiose que explica a existência de sentido para o texto. É caracterizada pelas relações não arbitrárias entre os dois planos de linguagem, onde o contraste entre seus elementos desencadeiam os efeitos de sentidos, resultantes da inter-relação das qualidades que os produzem. O semi-simbolismo é explicitado pela não correspondência exata, traço a traço, entre os dois planos, mas numa homologação entre categorias dos dois planos através da identificação de contrastes na construção específica de cada texto examinado. O caráter semi-simbólico, que se constitui nas relações entre categorias, refere-se aos códigos estéticos presentes nas imagens e a simbolicidade pertence ao código verbal, linear, arbitrário e convencionalizado.

O enunciado discursivo, que se manifesta através da multiplicidade de sistemas de linguagem, é analisado desde as articulações entre sistemas semióticos, responsáveis pela constituição do percurso gerativo de sentido. A abordagem do *sincretismo* presente no livro de literatura infantil trata das combinatorias entre as linguagens que estruturam o modo de produção de significados, ou de diferentes sistemas de linguagem aproximados pela categoria do conteúdo.

A sincretização resulta da presença de uma pluralidade de linguagens num contínuo discursivo, conforme as referências de Floch (1991, p. 233), portanto, o enunciado não se separa em enunciações de diferentes naturezas, mas se manifesta acionado pelas várias linguagens. Elementos heterogêneos organizam o texto sincretico e participam da constituição do plano da expressão das obras

de literatura infantil. Apesar de o texto literário estar aparentemente centrado na língua escrita, os efeitos de sentido são constituídos e construídos pelas estratégias de enunciação, a partir das articulações entre as diferentes unidades dos sistemas de linguagens que aí engendram o sentido. A enunciação “[...] é o ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser”; correlativamente, o ‘enunciado’ realizado e manifesto aparecerá, na mesma perspectiva, como “o objeto cujo sentido faz o sujeito ser” (Landowski, 1992, p. 167).

Como um recurso fundamental, as ilustrações por vezes ultrapassam a relação parafrástica com o texto verbal. A imagem e a palavra dizem e mostram, cada uma a seu modo, mas constituem um todo de significação. Portanto, interessa buscar as manifestações da visualidade e do verbal como foco de leitura e identificar as inter-relações que ocorrem num suporte de base imagética/verbal.

Os estudos sobre textos ilustrados remetem ao aspecto manipulatório da comunicação sincrética e referem-se também aos atos de linguagem, esses considerados “como a performance da comunicação eficaz dos discursos realizados, tendo em vista a manipulação dos destinatários” (Greimas e Courtés, 1983, p. 17). A semiótica, na análise dos mecanismos que fazem com que um texto produza sentido, compreende um percurso gerativo com diferentes níveis de abstração. Esse percurso é constituído de três níveis: as estruturas fundamentais, no nível mais abstrato e profundo, as estruturas narrativas e as estruturas discursivas, mais concretas e superficiais. Para todos os níveis, há uma sintaxe e uma semântica. As relações da sintaxe compreendem as escolhas do sujeito da enunciação e os efeitos de sentido produzidos; na semântica, são os temas, as figuras e as implicações de natureza estética e estética.

O enunciado literário tem como uma de suas características a busca de efeito de *fazer parecer verdadeiro*, isto é, as projeções de pessoa, tempo e espaço são capazes de provocar sentido e provocar estados afetivos diferenciados. Entre texto e leitores é estabelecido um contrato fiduciário, cabendo ao livro infante-juvenil o compromisso com a imaginação, a poesia, o prazer advindo desse jogo do *fazer parecer verdadeiro* que ocorre, pressupondo, para isso, evidências lúdicas de fantasia e realidade, brincadeira e seriedade.

Outro aspecto a considerar quanto aos mecanismos que garantem a credibilidade do texto consiste na suposição de que o livro se constitui como um *sujeito semiótico*, como propõe Landowski (1992, p. 118). Segundo esse sociossemiótico, o livro pode ser considerado um sujeito semiótico na medida em que cabe ao leitor reconhecer nele a constância de suas características (elementos gráficos, a natureza criativa/poética e outros) fazendo com que assumam uma certa identidade.

Através da análise semiótica é possível identificar as inter-relações de

sentido nas categorias que compõem os sistemas presentes nesse sujeito semiótico, o livro infantil, num suporte de base imagética/verbal. O sistema semiótico pode incorporar, além das imagens e da língua escrita, outros sistemas produtores de significação (Greimas e Courtés, 1983, p. 326 e 426), considerados secundários ou acessórios e que remetem a formas de linguagem conotativa e social, consideradas grandezas paralingüísticas e pertencentes à gestualidade, à proxêmica¹ ou até mesmo os tipos utilizados na impressão, o projeto gráfico, a paginação, contribuindo para uma sociossemiótica. Nesse estudo parcial, interessa apenas analisar os componentes considerados principais, imagem e palavra.

A análise de textos ilustrados remete ao aspecto manipulatório da comunicação sincrética e refere-se também aos atos de linguagem, esses considerados por Greimas e Courtés (1983, p. 32 e 33) como a performance da comunicação eficaz dos discursos realizados, tendo em vista a manipulação dos destinatários. O sujeito leitor, instaurado como enunciatário/destinatário assume modalidades do fazer, afetado por efeitos estéticos e estéticos a partir dos efeitos de sentido das figurativizações e tematizações apresentadas.

Como ato de linguagem, a leitura do texto sincrético implica um *colocar em discurso*, o existir e o participar do enunciator e do enunciatário; provocar a conjugação do sujeito com o objeto e produzir um fazer persuasivo ou interpretativo, constituindo formas particulares de programação discursiva. O enunciator não é o autor real, mas a imagem do autor produzida pelo texto. O enunciatário é a figura construída e instalada no texto, do espectador, que não se confunde com o leitor de carne e osso, também chamada de destinatário. Portanto, a análise da construção do percurso gerativo de significação dos textos sincréticos, das estratégias enunciativas e dos efeitos produzidos, contribui para compreender como se instaura o significado desde uma intrínca relação entre unidades, categorias e múltiplas dimensões constituidoras e constituintes de textos que abrigam diferentes sistemas semióticos.

¹ A proxêmica é uma disciplina semiótica que visa a analisar a disposição dos sujeitos e dos objetos no espaço e, mais particularmente, o uso que os sujeitos fazem do espaço para fins de significação (Greimas e Courtés, 1983, p. 359). A gestualidade [...] pode ser definida como gestualidade de enquadramento da enunciação: as categorias que ela é capaz de enunciar são categorias abstratas que tomam a forma quer de enunciados modais (asserção, negação, dúvida e certeza, etc.) quer de enunciados de quantificação (totalização, divisão e de qualificação (estados eufônicos e disfônicos), quer sobretudo de enunciados fáticos (acolhida e repulsa, abertura para o mundo e fechamento em si, etc.) que transformam a comunicação em comunhão intersubjetiva (ibidem, p. 210).

2 ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE SISTEMAS DE LINGUAGEM

Títulos das capas de livros de literatura infantil são portadoras de sincretismo entre linguagens, servindo de objeto inicial de análise dessa ocorrência. Em *Os pregadores do rei João*, escrito e ilustrado por Luis Camargo (1991), são utilizadas palavras intrigantes: Os pregadores são indivíduos inebriados pela fé, que andam por todo o reino prégando em nome de um certo rei, chamado João? Ou serão pregadores de cabelo, apresentados pelo soberano e utilizados pelas damas da corte, quando pretendem arrumar seus penteados? Das hipóteses emitidas pelo destinatário, nenhuma é adequada por causa da presença da imagem. A ilustração, vista como produtora de texto, desfaz essas idéias iniciais, pois figurativiza o sentido anunciado pelas palavras: esclarece tratar-se de prendedores de roupas. A imagem fornece as pistas e se articula às palavras para elucidar o texto.

A capa da obra constitui-se de um cenário que remete a elementos de um circo, com a apresentação de três pregadores de roupa que possuem habilidades especiais. No fundo desse cenário avista-se um pequeno castelo com bandeiras agitadas ao vento. A localização do castelo, o seu tamanho reduzido e o uso da cor amarela como foco de atenção destacam o grau de importância que é atribuído ao mesmo e que, na seqüência da narrativa, é minimizada. Há a antecipação de um espetáculo que transcorrerá num amplo espaço físico e adiantará o triunfo do pregador verde, designado pela estrela.

O título, como porta de entrada ao texto, revela que os prendedores pertencem a um rei denominado João, mas que apenas marca presença através de seu castelo. Mesmo sendo anunciado como aquele a quem pertencem os pregadores, o rei tem minimizada sua importância, destacando-se o papel do pregador verde. Isso é reforçado pela relação topológica – a posição dos objetos na capa e nas páginas internas. A figura do rei é imediato abandonada, permanecendo apenas os personagens que desenvolvem a ação: os três pregadores e um lençol mágico, que surgem no interior do livro.

A apresentação inicial, pelo sistema verbal, é superada pela antecipação que a ilustração faz, para o desenrolar da história. A imagem acrescenta dados de que as palavras não dão conta. O sentido instaurado pela manifestação dessas linguagens na obra modelou assuntos como vida, morte e transformação, transpostos para o mundo infantil. A ilustração ultrapassou os limites da aparência formal, levando o sujeito-leitor a extrapolar as possibilidades de relações e significados através da identificação e compreensão de marcas e articulações textuais. A competência do enunciatário faz o sentido manifestar-se e essa manifestação se oferece como “objeto cujo sentido faz o sujeito ser” (Landowski, 1992, p. 167).

No livro *Griso – o unicórnio*, de Roger Mello (1997), o personagem é o último de sua espécie e percorre o mundo à procura de um outro, seu igual. Esse ser pertence à herança social e mitológica, à tradição de diferentes culturas e com uma profusa carga de significados em cada sociedade. Desde registros anteriores à Era Cristã, o unicórnio é um símbolo de poder e pureza, representa a realza e suas virtudes, sendo também descrito e representado com semelhanças e discordâncias, assumindo a forma de diferentes animais de pelagem em cores variadas, conforme a cultura em que se manifesta. A representação mais comum desse animal fantástico é a de um pequeno cavalo branco, com patas afiladas de antlope, barba de cabrito e um longo chifre retorcido na testa.

A palavra que nomeia o personagem na obra examinada carrega a conotação do verbo grisar, acinzentar. Um verbo é um eixo gerador e transforma-se aqui em nome, denomina uma materialidade que imprime ao nomeado um sentido de neutralidade. Há um conflito aparente entre o nome e a cor; o valor cinza do plano da expressão suscitado pela palavra e a imagem apresentada da capa, um animal todo azul. O enunciatário é colocado diante de uma assimetria caracterizada pela desarticulação entre o que a palavra anuncia e aquilo que mostra a imagem. Instala-se o conflito, e o sujeito/destinatário é afetado esteticamente. O signo verbal remete a um valor considerado neutro, mas as diferentes formas e cores que assume o personagem, na capa, e a cada nova página, mostram as múltiplas explicações culturais dadas a esse ator, bem como trazem referências e contextos de variados períodos da história da arte, os quais se combinam para instaurar a significação. Palavras, cores, formas e cenários misturam-se e participam de um jogo sintático e semântico que organiza esse texto sincrético.

A característica marcante de personagem nesta obra é a variedade. A todo momento se mostra outro, numa nova abordagem. Há uma autonomia relativa na apresentação das características do unicórnio. Há uma manutenção do paradigma do ser mitológico, porém as diferenças peculiares da aparência participam de uma cadeia de construção de sentido que se entrelaça no todo do texto. Cada espaço constituído por legenda e imagem é autônomo, mas simultaneamente a unidade é mantida. A aparência plural assumida e o cenário diferenciado por onde *Griso* se desloca, pertencem a universos variados que contextualizam diferentes visões de mundo e com isso veiculam o *fazer ser*, fornecem elementos de natureza cultural, social e psicológica, combinados, que articulam as marcas que identificam o estado do ator. O enunciatário/destinatário transita pelo plano da expressão, através das formas, cores e palavras, aciona as próprias vivências, as memórias e referências extratextuais ancoradas em outros tempos e espaços. Das relações entre os modos de construção do discurso, o *fazer e o saber* do sujeito competente instalado no texto, dos estados estéticos

e estéticos criados no leitor/destinatário, o percurso gerativo de significação vai sendo constituído ao longo do texto sincrético.

3 A IMAGEM NÃO MOSTRA TUDO

A figuratividade da imagem, na medida em que põe em evidência a semelhança com aquilo que pretende representar, pode parecer simples analogia com os objetos do mundo. Para a análise semiótica, a relação é tratada como *icônica*. A iconicidade é definida como *ilusão referencial*, ou o “resultado de um conjunto de procedimentos mobilizados para produzir efeito de sentido de realidade”. Greimas e Courtés (1983, p. 222) argumentam que: “Reconhecer que a semiótica visual [...] é uma imensa analogia do mundo natural é perder-se no labirinto dos pressupostos positivistas, confessar que sabe o que é a ‘realidade’”. Acrescentam que a ilusão não seria um fenómeno universal, ocorrendo de maneira desigual e relativa. Assim, o reconhecer passa por condições específicas, pelo domínio de determinados códigos de sistemas semióticos construídos por suas unidades mínimas: contornos, limites, cores, formas e volumes e em determinados contextos. A imagem delimita fragmentos de mundo, faz recortes, escolhas de campo, e é preciso reconhecer contornos e limites de um aglomerado de cores, formas, volumes que não correspondem à totalidade desse universo referenciado. Nesse sentido, uma imagem mostra aquilo que deve ser visto, uma verdade na qual quer *fazer crer*, construída inclusive, com espaços vazios.

4 A COMPLEXIDADE NA ARTICULAÇÃO ENTRE LINGUAGENS

A *visibilidade* característica do texto de literatura infantil, por suas condições de produção e circulação, produz também uma *visibilidade*. O texto de literatura infantil torna-se visível ao convocar para si o olhar, ao impor-se ao enunciatário, ao conquistar sua atenção e sua adesão. Para tanto, são utilizados recursos do jogo plástico e criam-se efeitos estéticos e estéticos. O tratamento particular dos traços constituintes do plano da expressão conferem plasticidade ao texto que pode ser observada nas ilustrações e ocorrendo o mesmo nos enunciados lingüísticos (Floch, 1985). Na obra *Exercícios de ser criança*, de Manoel de Barros, publicada em 1999, a visibilidade do jogo plástico chama a atenção para as imagens criadas originalmente por meio de bordados, e o texto verbal, poético e plástico cria ritmo e movimento na medida em que alterna páginas com frases dispostas linearmente e em outras, acompanham o movimento ondulado do vento roubado da imagem, o redemoinho da água carregada na

penreira, escoregam ladeira abaixo na tarde que chove. A palavra *despropósitos* é mostrada através de ponto de bordado, assim como a palavra *peraltagens*, cujas letras são personagens e objetos que brincam. Palavras são imagens, na medida em que transformam-se num jogo plástico de cor, forma e matéria e integram-se às brincadeiras referenciais mostradas pela visibilidade. E, ao mesmo tempo, a imagem é a palavra. O enunciatário faz ver signos verbais que assumem a brincadeira, ou joga com as formas plásticas, passando de letras a personagens. Quebram-se os limites entre ser apenas palavra ou apenas imagem. As formas transgridem suas categorias para brincar e saltar, levando o enunciatário ora para o universo da visibilidade, ora para o universo da verbalização, ora misturando tudo isso num jogo lúdico de linguagens.

5 GRAUS DE SINCRETISMO

Na estrutura do texto de literatura infantil percebe-se que, em determinados momentos, a imagem antecipa sentidos revelados pela palavra, em outros, mostra sentidos paralelamente, tratando de aspectos não explicitados pelo sistema escrito; por vezes, apenas confirma as palavras, por outras, orienta a leitura.

Portanto, a significação vai se constituindo pela relação de pressuposição recíproca de elementos do plano do conteúdo e do plano da expressão. Participam tanto as dimensões cromática, eidética, topológica e matérica, como as combinações das unidades da língua escrita, a seleção e organização vocabular nas estruturas sintática e semântica. Cria-se um todo de diferentes unidades de significação, articulado para engendrar sentido, esse que se constitui pelo ato semiótico gerador, supera a recepção e a percepção e instala o sujeito semiótico, resultante da organização discursiva. A análise semiótica tenta dar conta dos fenómenos de produção e apreensão de sentido da manifestação do objeto, seja ele constituído por apenas um ou por vários sistemas de linguagens.

Conforme investigação de Cortez (2001, p. 59-65), o sincretismo ocorre em discursos que integram linguagens e é sempre formado por mais de um plano de expressão, criando possíveis graus de sincretismo. Num *primeiro grau*, ocorre uma tradução intersemiótica, ou seja, dois planos da expressão veiculam um mesmo conteúdo, mantendo a sua própria organização e especificidade. Outra possibilidade, de *segundo grau*, ocorre quando a organização do sistema verbal apresenta integralmente o conteúdo e o sistema visual mostra uma certa perspectiva sobre esse mesmo conteúdo. Um *terceiro grau* de sincretismo ocorre, pela afirmação desta pesquisadora, quando o verbal apresenta parte do conteúdo, enquanto o visual apresenta o todo. Esses três níveis indicam que estão mantidas a organização e especificidade de cada linguagem. A partir dessas três

classificações gradativas, existe uma certa dificuldade em enquadrar o exemplo manifesto pela obra de Barros nos níveis apontados por Cortez, pois constata-se uma nova combinação entre palavra e imagem no texto, misturando-as de tal forma a criar a possibilidade de se pensar numa organização relativa a um quarto nível de sincretismo, não mencionado em tal pesquisa, ou até extrapolando a classificação em graus.

6 CONCLUSÃO

As características de construção de textos sincréticos são detectadas pela identidade do plano da expressão, nos vários sistemas semióticos manifestos no enunciado. A interação das partes, o encontro entre o verbal e o visual criam o texto sincrético, mantendo a homogeneidade de sentido na estratégia global de enunciação. No sincretismo o sentido se entretete em todos os níveis do percurso gerativo de sentido.

Os textos de literatura infantil organizados com palavras e imagens constituem uma rica fonte de estudo do enlace verbal/visual, apontando para a especulação do sincretismo. Procedimento semiótico esse que reúne mais de uma linguagem na mesma manifestação. A investigação permanece aberta para consolidar argumentos sobre as formas de interação entre sistemas de linguagem, sobre os diferentes graus dessas manifestações de significação e de como se constituem os níveis diferenciados de sincretismo na textualização do livro de literatura infantil. Provavelmente encontraremos mais do que níveis ou graus de sincretismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- CAMARGO, Luís. *Os pregadores do rei João*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CORTEZ, Mariana. *Palavra e imagem: diálogo intersemiótico*. São Paulo: USP, 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, USP, 2001.
- FLOCH. J.M. *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit: pour une sémiotique plastique*, Paris, Hatès, Amsterdam, Benjamins, 1985.

_____. Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. *Documentos de*

Estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas. São Paulo: CPS, 2001.

GREIMAS, A.J. ; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*, São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. *Semiótica: dicionário razonado de la teoría del lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1991 Tomo II.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

MELLO, Roger. *Griso, o unicórnio*. São Paulo: Brinque-Book, 1997.